



Paula Daniella de Abreu. Enfermeira, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife (PE), Brasil. E-mail: pauladdabreu@gmail.com

Ednaldo Cavalcante de Araújo. Enfermeiro, Professor Doutor (Pós-doutor) do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado e Doutorado em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco/PPGENF/CCS/UFPE. Recife (PE), Brasil. Pós-doutor pela Université René Descartes, Departement des Sciences Sociales, Faculté des Sciences Humaines et Sociales – Sorbonne/Paris V, France. Recife (PE), Brasil. E-mail: ednenjp@gmail.com

MULHERES TRANSEXUAIS EM BUSCA DA RESIGNAÇÃO DO CORPO

O anseio pela resignação do corpo é expresso desde as antigas civilizações, antes do surgimento do termo “transexualidade”. Na Grécia Antiga os mitos referiam desejos e punições por transformações do corpo e eram representados pelos deuses: Cibele, Átis e Hemafródito. Os primeiros relatos científicos indicavam uma escala de avaliação, essa contemplava desde o “hermafroditismo psicosssexual” a “metamorfose sexual paranoica”. A partir da medicina genética, ocorreram as distinções entre o hermafroditismo, o travestismo, as anomalias e o transexualismo.¹

As mulheres transexuais estão em constante busca da ressignificação sexual. Apesar dos riscos à saúde, é frequente a utilização de hormônios para o desenvolvimento de características sexuais secundárias de forma indiscriminada, sem auxílio da equipe de saúde, tais práticas propiciam riscos sérios à saúde e, por vezes, resultam em complicações permanentes.²

Além disso, o gênero transexual possui alto índice de infecção por HIV resultante de “comportamentos de risco”: relações sexuais desprotegidas e com múltiplos parceiros, troca de sexo por recursos, consumo excessivo de bebidas alcoólicas, compartilhamento de seringas e agulhas para injeção de hormônios ou substâncias psicoativas e casos recorrentes de violência sexual. Assim, é necessário desconstruir o estigma e barreiras de acesso aos serviços de saúde, os profissionais da saúde devem estar habilitados

ao acolhimento e às necessidades dessa população.³

Compreender tais comportamentos ou resignar grupos de risco, ao elencar apenas práticas constitutivas desse grupo, reforça o estigma e preconceito a essa população. É necessário adentrar às vulnerabilidades sociais para entender a origem dos fenômenos, esses traduzem representações as quais permeiam as classes marginalizadas, em busca a legitimação de políticas públicas, sobretudo, no âmbito educacional, trabalho e saúde. O quantitativo de jovens transexuais que param de estudar é elevado, sobretudo, aqueles que deixaram de morar com a família biológica e passam a vestir-se de acordo com o gênero.⁴

Nessa perspectiva, as transexuais vivenciam exclusão familiar, a escola representa locus de discriminação e a rua surge como alternativa de acolhimento, esses fatos somados às dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, escassa oportunidade de carreira e riscos diários de assédio e abuso sexual, propiciam danos físicos e psíquicos ao longo da vida. Para esse grupo, a rua representa um universo de socialização, compartilhamento das vulnerabilidades e espaço propício a aquisição de renda, por intermédio da prostituição. Dessa forma, o suporte social é incipiente, sendo emergente intervenções de base comunitária.⁵

REFERÊNCIAS

1. Abe M, Turale S, RN Klunklin, A Supamanee. Community health nurses' HIV health promotion and education programmes: a qualitative study. International Council of Nurses; 2014.

Abreu PD de , Araújo EC de.

Mulheres transexuais em busca da resignação...

2. Petrya ALR. Mulheres transexuais e o Processo Transexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. *Rev Gaúcha Enferm.* 2015 june;36(2):70-5
3. Andrinopoulos K, Hembling J, Guardado ME, Hernández FM et al. Evidence of the Negative Effect of Sexual Minority Stigma on HIV Testing Among MSM and Transgender Women in San Salvador, El Salvador. *AIDS Behav.* 2015;19:60-71.
4. Bonassi BC, Amaral MS, Toneli MJF, Queiroz MA. Vulnerabilidades mapeadas, Violências localizadas: Experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil. *Quaderns de Psicologia.* 2015;17(3):83-98.
5. Silva, RGLB; Bezerra, WC; Queiroz, SB. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo.* 2015 set.-dez.;26(3):364-72.

Correspondência

Ednaldo Cavalcante de Araújo
Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Enfermagem
Av. Prof. Moraes Rego, s/n, 2º piso do bloco
A, anexo ao Hospital das Clínicas/UFPE
Cidade Universitária
CEP 50670-901 – Recife (PE), Brasil